

Poder morrer: um trabalho de Eros

Gláucia Faria da Silva

Gláucia Faria da Silva é psicóloga e psicanalista, mestre e doutora pelo Departamento de Psicologia Social do IPUSP (2008/2012). Paliativista pediátrica pelo IEP-Hospital Sírio Libanês (2019). Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae (2022). Professora e supervisora clínica da Especialização *Psicanálise com Crianças* do Instituto Sedes Sapientiae (desde 2023). Professora e orientadora da Especialização *Humanização na Saúde: Narratividade, Subjetividade e Psicanálise* da UNIFESP/UAB/CAPES desde 2023. Organizadora do livro: *Luto em pediatria: reflexões da Equipe Multidisciplinar do Sabará Hospital Infantil* (Manole, 2019).

Resumo Tomando a psicanálise freudiana em sua radicalidade, o grupo de humanização de um hospital pediátrico realizou uma intervenção junto a Lina, moradora do hospital há 15 anos, com diagnóstico de neuropatia complexa grave. Esse grupo passou a visitar Lina diariamente, tensionando a lógica do cuidado do organismo através de narrativas primitivas de pressuposição de sujeito. Em um mês, Lina faleceu. A partir do monismo pulsional proposto por Radmila Zygouris, refletimos sobre a potência avassaladora de Eros no contexto da experiência de Lina.

Palavras-chave psicologia hospitalar; estudo de caso; psicanálise; humanização; pulsão de morte.

DOI 10.70048/percurso.76.43-48

1 N.M. Kon, “Da existência à vida: homenagem a Clarice Lispector”, *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 40, n. 2.

2 R. Zygouris, *Pulsões de vida*.

A psicanálise, que trabalha com o humano naquilo que lhe é absolutamente singular – sua essência e sua aptidão simbólicas – que dá à linguagem a potência de criação do mundo, tem de se haver com a transubstanciação da matéria orgânica humana em matéria simbólica, matéria simbólica que é justamente seu horizonte. O universo invisível das palavras atravessa a matéria viva do corpo do infans – um ponto no infinito, real vegetativo, coisa apenas atual, totalmente atual – e o transforma num outro: em ser simbólico, em ser histórico, em ser propriamente humano. Passagem – mais ou menos conflituosa – da existência à vida.¹

Noemi Moritz Kon

A *Psicanálise tem de se haver com a transubstanciação da matéria orgânica em matéria simbólica*, diz a citação acima. Talvez falemos de Eros de forma imprudente. Os *atravessamentos* a que o orgânico precisa ser submetido talvez ultrapassem limites, talvez precisemos de critérios. Das arestas do pensamento e da experiência nasce esse artigo, buscando encontrar em Eros a bússola a guiar e acolher dignamente a morte que vou contar. Testemunhei em um hospital pediátrico, por duas vezes, o embate visceral, molecular, da força arrasadora de Eros.

Por duas vezes, com duas crianças em que o adoecimento orgânico se somava a um imenso adoecimento do Mundo², como diz Radmila Zygouris, Eros mostrou a face da morte, o que me instigou a pensar sobre modos em que a morte do organismo pode estar ligada ao impensável em Eros. Se não, por que se apagaria o sujeito depois de experimentar a faísca da vida?

O texto a seguir é eminentemente clínico. A proposta é apresentar um caso e discutir seu desfecho à luz do conceito de pulsão



*decidimos transformar
estímulos em símbolos,
organizando as ações
como se estivéssemos
novamente diante
de um bebê*

de morte e do monismo pulsional de Radmila Zygoris, trabalho fruto de minha experiência como psicanalista em uma instituição hospitalar.

Relato do caso

Em 2015, tínhamos três moradores nos *puxadinhos* da UTI do Hospital Sabará, um hospital pediátrico particular, referência na cidade de São Paulo. Eram duas mocinhas, Graça e Lina, que ali moravam há muitos anos, e um jovem rapaz de 6 meses recém-chegado. Lutávamos para que o pequeno bebê tivesse um destino diferente de Graça e Lina.

Vou falar de Lina. Ela tinha 15 anos, 14 deles como moradora do hospital. Lina tinha traqueostomia e gastrostomia, não tinha nenhum movimento voluntário, membros atrofiados, seguramente dores por todo corpo, não focalizava o olhar, não sabíamos se ouvia ou enxergava, ninguém afirmaria com certeza um sinal de comunicação intencional. Lina tinha sido diagnosticada ao nascimento com a antiga paralisia cerebral ou, diagnóstico mais atual, encefalopatia crônica não evolutiva (ECNE).

Eu assumi o trabalho de psicóloga do hospital em dezembro de 2012. Em meados de 2015, coordenava a pequena equipe com duas psicólogas para 120 leitos de alta complexidade.

Nessa época, a equipe de Psicologia foi convocada pelo olhar incandescente das atrizes da Pronto-Sorrir, Helena Miguel e Melany Kern, que participaram desse trabalho com sua especialidade única: o teatro e a sabedoria de *enfrentar o vazio*.

O *vazio* na clínica psicanalítica nos aproxima do conceito de pulsão de morte³. Ele está na ausência do Outro em sua função constituinte. Está na ausência dos movimentos metafórico e metonímico. E ambos – ausência do outro e reificação da linguagem diante do corpo – podem apresentar no hospital sua face traumática.

Quando a fala perde a dimensão polissêmica, seu caráter ficcional e – porque não – lúdico, estamos no campo da violência.

Vamos fazer algo? foi o convite saído da *musculatura afetiva*⁴ das atrizes. De fato, precisávamos fazer algo. Mais do que vazio, aquele quarto era pura repetição – pleno de cuidado, porém, um cuidado banhado de desagregação, dessubjetivação da criança e dos trabalhadores. Seria preciso reverter os rumos, impedir a repetição e implantar elementos que sustentassem signos de diferença.

Há um fenômeno natural na Inglaterra chamado *Severn Bore*⁵, em que as águas do rio Severn sofrem uma reversão e ondas sobem o rio com força! Nosso desafio seria inverter a ordem das águas e fazer retroceder a violência, injetando cor ao real, ludicidade ao corpo, alucinação⁶ ao cotidiano.

Esse foi o coração do *Projeto Moradores: Tecendo Vínculos* que escrevi para a diretoria do hospital: 15 anos depois, inverter a ordem, burlar o tempo e pensar novamente nos movimentos instituintes, no originário que pode ser continuamente fundado, numa ação de neogênese⁷. Decidimos *transformar estímulos em símbolos*⁸, organizando as ações como se estivéssemos novamente diante de um bebê: pressuposição de sujeito, modulação da voz, ritmo⁹, nomeação, repetição e constância – presença sensível, significando *por* Lina estímulos não aleatórios, inaugurando uma protocomunicação, um lugar amoroso para Lina, feito daquele amor da radicalidade psicanalítica, quando amar é dar lugar ao discurso do outro.



Nesse caso, o discurso de Lina era a presença tênue e maciça de seu corpo, que seria lido na chave contratransferencial no limite do corporal, como os profissionais de Loczy¹⁰ fizeram no pós-guerra.

Preparamos a equipe: a enfermagem e a equipe de humanização do hospital (psicólogas, atores da Pronto-Sorrir, contadores de histórias e voluntários), nosso pequeno batalhão, cujo objetivo era erotizar a existência de Lina¹¹ milimetricamente.

E assim foi feito: no mínimo uma vez ao dia, um de nós entrava no quarto e se apresentava. Nós nos diferenciávamos por delicados toques rítmicos em seu corpo e ali narrávamos o que experimentávamos ou inventávamos: como ela estava de cara *amarrada*, quem haveria de tê-la chateado, essas narrativas de pressuposição de sujeito que fazemos instintivamente com os bebês.

Na constância das visitas buscávamos alucinar intencionalidades, movimento e troca, abafar os ruídos fragmentários da UTI com narrativas ternas, recheadas de sentido. Os encontros eram registrados em um livro-diário como aqueles de bebês, que ficava no lugar do prontuário de Lina, na porta do quarto, onde contávamos uns para os outros as estrepolias que ela tinha *aprontado* no dia anterior.

A artista Jota Mombaça relata em seu livro um exercício de imaginação radical como estratégia para quebrar sonhos enlatados, um renascimento

na constância
das visitas buscávamos
alucinar intencionalidades,
movimento e troca, abafar
os ruídos fragmentários
da UTI com narrativas ternas,
recheadas de sentido

que nos interessa. Sua escrita remete à Lina, sua presença potente, potencial, silenciosa.

O nascimento de Urana

Acho que nasci.

Sem perceber bem os contornos, fui explodindo de fora a fora, revirando os intestinos do planeta. Primeiro era fogo, e então gás. Uma precipitação de chuva apressou minha queda e, sem querer, sem sequer ter olhos, vi uma cordilheira de carne escura se materializar num oco de mundo.

Cada grama do meu peso estava infundido de memória. Eu sabia das guerras, das catástrofes e da morte. Podia medir a extensão do desespero humano, e o conjunto de feridas do mundo sobre o qual eu caía foi transcrito nas cavidades mais íntimas da Terra que eu era. Mas não havia tempo e aquele não era meu passado, pois, quando nasci, ainda nada me antecedia e eu não antecipava nada.

Então, como uma coceira, vi uma mata espalhar-se pela pele do planeta. As cascas das árvores emergiram primeiro, junto às cores que vi crescer para fora e para dentro, como camadas de informação espessa a cravar-se fundo, como dedos e punhos, numa penetração consentida, a escavar na superfície do planeta uma profundidade insuspeitada.

Na minha enfermidade, sentia tudo e me espalhava por toda parte. Eu era imensa e destrambelhada, como uma força replicante, a multiplicar-me pelas sendas sem sociedade, nos vãos e desvãos desta terra sem mundo

3 S. Freud, "Más allá del principio del placer", in *Obras completas de Sigmund Freud*, p. 1-62.

4 A. Artaud, *Contrafissura e plasticidade psíquica*, p. 63.

5 J. Barnes, *O sentido de um fim*. Nesse romance tomei conhecimento desse evento natural impressionante.

6 F. Tustin, *Autismo e psicose infantil*, p. 191.

7 S. Bleichmar, "A psicanálise de fronteira: clínica psicanalítica e neogênese", in *A fundação do inconsciente – destinos de pulsão, destinos do sujeito*, p. 202.

8 R. Spitz, *O primeiro ano de vida*, p. 32-33.

9 V. Guerra, *Rythme et intersubjectivité chez le bébé*.

10 Instituto Loczy, em Budapeste, na Hungria. A entidade, criada pela médica Emmi Pikler, existe desde 1946 quando acolheu bebês que ficaram órfãos durante a Segunda Guerra Mundial. Para construir sua metodologia de intervenção junto aos bebês, Emmi Pikler baseou-se na observação deles e no reconhecimento de que, desde seu nascimento, são sujeitos ativos e não apenas passivos necessitando de cuidados.

11 A. Lancetti, *Contrafissura e plasticidade psíquica*, p. 61.



sobre a morte
de Lina, o que não
me saía da cabeça
era a sensação de que,
de algum modo, nossa
intervenção lhe franqueou
a possibilidade
de morrer

que era meu corpo, este corpo de carne e terra, de água e minério, cozinhando a toda no bucho sem fim nem começo do planeta.¹²

Lina, por sua vez, quinze dias depois do início das visitas, *cozinha* uma infecção imensa na gastrostomia. Melany percebeu o senho franzido de Lina e alertou a enfermagem. A infecção foi debelada rapidamente, ela veio e foi, e o organismo reencontrou seu equilíbrio. Nesse momento, não pensamos em nada. O trabalho continuou, porém, duas semanas mais tarde, Lina faleceu.

Assombro de todos: como assim, faleceu *do nada*?

O *nada*, naquele momento, era apenas um lugar para alojar o assombro. O *nada* restou indigesto para mim por nove anos. Eu não sabia como conferir sentido para o denso nada da morte de Lina. No hospital, temos certeza de que vida e morte não precisam de sentido para acontecer. Ao mesmo tempo, no hospital, tantos restos permanecem impensados e impensáveis, sustos à espera, quem sabe, de um dia transformarem-se em enigmas.

Eros e a pulsão de morte

Sobre a morte de Lina, o que não me saía da cabeça era a sensação de que, de algum modo,

nossa intervenção lhe franqueou a possibilidade de morrer.

Pensando hoje, poder morrer confere uma certa aura de acerto ao nosso trabalho. Também aprendi, na clínica e no hospital, que certos e errados pouca serventia têm para iluminar a prática cotidiana.

A ideia de poder morrer levou ao poder separar-se, e dali foi um passo para pensar o *Fort-da*, o jogo do carretel, quando o bebê é confrontado a fazer algo com a separação da mãe, exemplo de Freud para a repetição da pulsão de morte, criação do psiquismo na batalha existencial entre sujeito-Mundo, cujo resultado será a simbolização da ausência da mãe para a criança em um verdadeiro salto vital.

No caso de Lina, a infecção veio e logo veio o nada que rapidamente a centrifugou... Quais foram os termos dessa espécie de *Fort-da* caótico, esse vai e volta da pulsão sem um objeto bem constituído?

Como em um filme do Miyazaki¹³, um deus usurpado se torna demônio destruidor e cego. Radmila Zygouris diz: “na falta desse outro inacessível, o eu tornado impotente se abraça a si próprio num último gesto de potência”¹⁴.

Nós introduzimos uma batalha no universo de Lina, mas nossa heroína não contava com um objeto pulsional constituído para dar estabilidade ao embate entre a estase e a ebulição do afeto.

Radmila Zygouris afirma:

[...] a pulsão de morte apresenta duas vias: a primeira esgota a pulsão na manutenção da homeostase, que tende para um mínimo de tensão, o estático; a outra, destrutiva, ataca tanto os objetos internos incorporados quanto os torna inadequados para acarretar prazer.¹⁵

Sob a pele, na pele, uma tensão porosa onde se encaixariam não os neurotransmissores, mas os *afetotransmissores*: o que transmitiram eles àquele corpo inerte e, a seu modo, estável?

Lina enfrentou tamanha ebulição, a infecção foi, talvez, o modo como suas células responderam à invasão. Creio hoje que ali já se anunciava a transubstanciação que viria a seguir.



Para falar em transubstanciação, é preciso imaginarizar: qual a primeira substância do corpo de Lina? Entre ser e não ser, quantas dobras desse existir existiam ali? O orgânico no hiato do inorgânico? O informe no hiato dos órgãos e moléculas? A contratura do tempo, vácuo em plena repetição?

E aqui cito Radmila Zygoris:

Em última instância poderíamos dizer que é possível falar em termos de pulsão de morte quando tempo, enquanto experiência vivida de duração, desaparece. A diferença entre pulsão de vida e pulsão de morte seria uma diferença da problemática temporal. A partir do momento em que o tempo é percebido, já estamos numa problemática do objeto, logo, do espaço do corpo, o que implica na presença do afeto. Ou seja: espera, angústia da perda, ambivalência, amor, ódio, destruição, alucinação do objeto.¹⁶

O tempo inaugura e é inaugurado pelo objeto-afeto. Na arquitetura da nossa intervenção, constância e ritmo foram os elementos primitivos da experiência temporal. O afeto, por sua vez, ao significar os estímulos através da presença, instilou diferença, gotejando movimento tanto na estase pulsional, quanto na estase do idêntico. O que não imaginávamos era o impacto de Eros sobre essa menina que não estava no Tempo.

Quando o impulso pulsional, que é corporal, não consegue se manifestar enquanto afeto, ou seja, na relação com o outro, nem se concretizar numa problemática temporal enquanto libido, ele pode se tornar ativamente destrutivo¹⁷.

Nós estávamos ali, disponíveis, mas a pulsão aguardava, silenciosa no enganoso vazio daquele quarto. Apresentamos movimento para um

*na arquitetura da nossa
intervenção, constância
e ritmo foram os elementos
primitivos da experiência
temporal. O afeto, por sua vez,
ao significar os estímulos
através da presença,
instilou diferença*

aparato extremamente frágil. No encontro das forças, Lina, imantada pela presença, tem seus circuitos ativados, embaralhados. O nirvana perturbado. Algo vibra, vibram as células, infeccionam. Elas se recompõem. Logo, em um instante, vibram novamente e o ser, agora Lina na sua não mais crível imobilidade, viva nas vozes, ali, abraçada, filha de mil homens, descansa na calma do nada.

*Blackbird singing in the dead of night
Take these broken wings and learn to fly
All your life
You were only waiting for this moment to arise*

*Blackbird singing in the dead of night
Take these sunken eyes and learn to see
All your life
You were only waiting for this moment to be free*

*Blackbird, fly
Blackbird, fly
Into the light of the dark black night¹⁸*

12 J. Mombaça, *Não vão nos matar agora*, p. 118.

13 T. Suzuki; H. Miyazaki, Filme *Princesa Mononoke*. Japão, Studio Ghibli, 1997, 133 min. A personagem Okkoto é deus Javali que, usurpado e em grande dor, se torna um demônio destruidor.

14 R. Zygoris, *op. cit.*, p. 25.

15 R. Zygoris, *op. cit.*, p. 10.

16 R. Zygoris, *op. cit.*, p. 11.

17 R. Zygoris, *op. cit.*, p. 10.

18 J. Lennon; P. McCartney, *Blackbird*, in *Double album The Beatles*. Londres, 1968.

Referências

- Barnes J. (2011/2019). *O sentido de um fim*. Trad. Léa Viveiros de Castro. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco.
- Bleichmar S. (1994/2012). A psicanálise de fronteira: clínica psicanalítica e neogê-nese. In *A fundação do inconsciente – destinos de pulsão, destinos do sujeito*. Trad. Kênia Ballvé Behr. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Freud S. (1920/2001). Más allá del principio del placer. In *Obras completas de Sigmund Freud*, v. 28. Trad. José Luis Etcheverry e Leandro Wolfson. Buenos Aires: Amorrortu, p. 1-62.
- Guerra V. (2019). *Rythme et intersubjectivité chez le bébé*. Collection La vie de l'enfant. Paris: Éditeur Eres.
- Kon N. M. (2006). Da existência à vida: homenagem a Clarice Lispector. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 40, n. 2.
- Lancetti A. (2015). *Contrafissura e plasticidade psíquica*. 1. ed. São Paulo: Hucitec.
- Lennon J.; McCartney P. (1968). Blackbird, *Double album The Beatles*. Londres, .
- Lispector C. (1994). Menino a bico de pena. In *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, p. 150.
- Mombaça J. (2021). *Não vão nos matar agora*. 1. ed. Coleção Encruzilhada. Rio de Janeiro: Cobogó.
- Spitz R. (1965/1996). *O primeiro ano de vida*. Trad. Millan Rocha. São Paulo: Martins Fontes.
- Suzuki T.; Miyazaki H. (1997). *Princesa Mononoke*. Japão, Studio Ghibli, 133 min.
- Tustin F. (1972/1975). *Autismo e psicose infantil*. Rio de Janeiro: Imago.
- Zygouris R. (1997/1999). *Pulsões de vida*. Trad. Caterina Koltai; Carmen Lucia Valladares. São Paulo: Escuta.

Being able to die: a work of Eros

Abstract Taking Freudian radical approach to psychoanalysis, the outreach group of a pediatric hospital decided to carry out an intervention with Lina, a hospital resident for 15 years, diagnosed with complex neuropathy, unresponsive to external stimulus. This group began visiting Lina daily, challenging the logic of caring for the organism through primitive narratives of subject presupposition. Within a month, Lina passed away. Based on the drive monism proposed by Radmila Zygouris, we reflect on the overwhelming power of Eros in the context of Lina's experience.

Keywords hospital psychology; psychoanalysis, case report; humanization; death drive.

Texto recebido: 03/2025.

Aprovado: 02/2026